

## AS PRÁTICAS COTIDIANAS NA FRONTEIRA SUL-AMERICANA PELO OLHAR DE FÉLIX DE AZARA (1782-1801)

Dário Milech Neto<sup>1</sup>

### Resumo

O aragonês Félix de Azara (1742-1821) foi comandante da terceira expedição para a demarcação de limites territoriais na América meridional entre as coroas ibéricas, acordada com a efetivação do Tratado de Santo Ildefonso (1777). Posteriormente, Azara ficou conhecido não por seu trabalho como demarcador de fronteiras, mas pelos seus estudos em história natural sobre a região por onde andara e ficara por quase vinte anos (1782-1801). Durante esse tempo, o militar realizou importantes descrições de diversos grupos étnicos. Tais descrições incluíam, muitas vezes, as práticas cotidianas dessas pessoas: seus modos de habitar, comer, vestir, entre outros. Tendo-se como base teórica as propostas de autores como Michel de Certeau (1998) e Tzvetan Todorov (2011), pretende-se apresentar como Azara se referiu a essas práticas no que concerne a três grupos principais citados em suas obras: os espanhóis (mais especificamente, os crioulos), os mulatos e as nações de índios.

Na medida em que Félix de Azara teve como preocupação o “outro” em suas anotações, temos uma extensa e valiosa descrição das práticas cotidianas desses indivíduos naquele momento histórico. Crenças, costumes, ritos, modos de habitar, maneiras de se alimentar: práticas ordinárias do dia-a-dia de pessoas comuns narradas e ao mesmo tempo tentando ser compreendidas pelo ilustrado espanhol. Ou seja: temos um homem pertencente à elite metropolitana espanhola, de reconhecido sobrenome, escrevendo sobre os “de baixo”.

Essas práticas de caráter etnológico e histórico são relatadas por um observador-narrador exterior ao meio de criação e repetição delas. Por mais que tenha ficado por considerável tempo pela América, não se pode esquecer que Azara era um estrangeiro que descrevia e julgava os *modos de fazer* – como denominou Certeau (1998) – dos “outros”.

Quando as práticas dos ameríndios foram objeto de interesse do demarcador, temos ricas exposições, sobretudo acerca de rituais de passagens. Assim que uma menina tinha sua primeira menstruação, por exemplo, os charruas pintavam-na com três traços azuis verticais

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas. Graduado em História. FAPERGS. E-mail: [milechnet@gmail.com](mailto:milechnet@gmail.com)



na face. O sexo masculino se distinguia pelo uso da barbota: quando nasciam, os meninos tinham o lábio inferior cortado para a colocação desse palito feito de madeira.

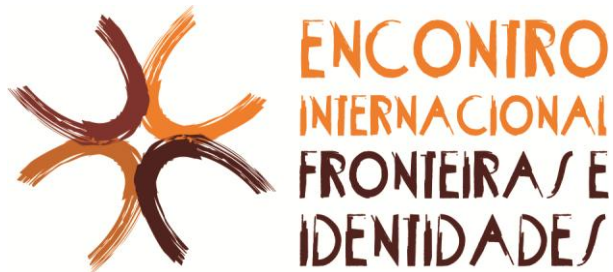
Quanto à moradia, Azara descreveu o simples processo de construção das habitações dos charruas, realizada com alguns galhos arqueados e com um couro de vaca estendido por cima. O ilustrado notou que os moradores tinham de entrar nessas tendas como os “coelhos” entram em sua toca. Não havia móveis, e para dormir, os charruas com suas famílias deitavam de costas em cima de um pedaço de couro.

As “ausências” geralmente foram objetos de interesse para descrever o “outro” charrua: eles não faziam jogos, não tinham bailes, não cantavam e nem possuíam instrumentos de música, além de não conversarem entre si como passatempo. Outra ausência notada pelo demarcador foi quanto às vestimentas desse grupo étnico: a maioria dos homens e mulheres pouco se cobria, e quando o faziam, era com algum poncho, camiseta de algodão ou pele de jaguetê que conseguiam ou “roubavam”.

A mulher charrua era o oposto do ideal de mulher (europeia) para Azara, sobretudo quando a questão abordada foi a higiene e tarefas domésticas como varrer ou costurar. Sobre o modo de cozinhar delas, o ilustrado anotou: “Las mujeres cocinan, más todos sus guisados se reducen al asado sin sal; ellas meten o clavan la carne en un asador de palo, que lo fijan en tierra cerca de un fuego; una sola vez lo dan vuelta para que se ase igualmente” (AZARA, 1850, p. 176).

Foi com as mulheres mbayás que Azara teve a discussão sobre o costume de elas não aceitarem ter mais de um filho. Voltando a ocasião, após uma delas tentar justificar tal atitude para o demarcador, citando o quão penoso era parir e criar mais filhos, Azara por curiosidade perguntou como era feito o aborto. A que havia falado disse para o militar que ele já iria ver como a prática era realizada: no mesmo momento, citou o espanhol, uma das mulheres deitou-se ao chão de costas inteiramente nua e duas velhas começaram a golpear a barriga dessa mulher de forma violenta até a ocasião em que começasse o sangramento.

Através de maneiras de se comportar e vestir, Azara pareceu ter percebido que o papel das mulheres em algumas nações de índios era determinante. No caso dos guanás, por exemplo, as mulheres estimulariam a rivalidade entre os homens ao se importarem com a limpeza e amabilidade, sendo mais orgulhosas que a de outras nações – e por isso, seriam mais fáceis em praticar o adultério, de modo que isso ocasionava certas brigas: “Aunque la



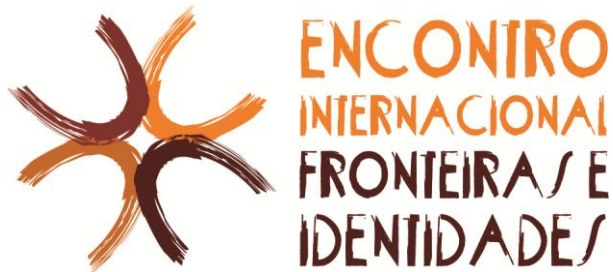
adultera no incurre en pena alguna, es bastante común ver al marido engañado reunir algunos amigos y parientes, que le ayudan a dar al galán una fuerte paliza, que à veces le cuesta la vida” (AZARA, 1850, p. 206). Obviamente, a maioria das atitudes das *naciones* que o militar observou tem como figura predominante a masculina, e isso ficou evidente em alguns costumes notados como os dos homens charruas que viajavam montados em seus cavalos e suas mulheres acompanhando a pé ao lado com os filhos.

Uma outra questão que esteve ligada sobretudo às mulheres dos grupos indígenas foi a do luto. Azara descreveu separadamente como as principais tribos se portavam diante da perda de algum de seus membros. Um dos casos que parecem ter chamado a atenção do ilustrado teria sido o das mulheres charruas: se o morto foi algum pai, marido ou irmão adulto, as viúvas e órfãs, assim como irmãs do falecido, cortam uma articulação do dedo. “No he visto una sola mujer adulta que tuviese los dedos completos y que no tuviese cicatrices” (AZARA, 1850, p. 180). Depois, se cortavam com algum objeto que pertenceu ao morto, além de ficarem durante dias retiradas em suas cabanas chorando pela perda. As mulheres da nação dos minuanos também realizavam práticas semelhantes.

Uma maneira singular de encarar a morte foi notada pelo demarcador no caso dos lenguas, que, no modo de ver de Azara, teriam certo horror à morte a tal ponto que jamais deixavam uma pessoa moribunda dentro de suas habitações. Eles levavam o enfermo para uma distância considerável, cavavam um buraco para que ele fizesse as suas necessidades, deixavam uma vasilha de água e faziam uma fogueira, sem jamais dar algo de comer para ele, e somente o visitam para ver se já estava morto ou não. Assim que morria, os lenguas o enterravam o mais rápido possível e os parentes do falecido choram e passam pelo processo do luto, porém sem dizer o nome do falecido:

Lo que hay de más extraordinario es, que luego que alguno de ellos muere, todos mudan de nombre: de modo que en toda nación no queda ni un solo nombre de los que había antes. Ellos dicen que cuando alguno ha fallecido, es porque la muerte se había introducido entre ellos, y que al irse con el difunto ha llevado consigo la lista de todos los vivos, para volver después a matarlos: que cambiando el nombre, la muerte no puede hallar al que busca, y se ve forzada a irse a buscar por otra parte (AZARA, 1850, p. 227).

Como Azara não acreditava na religiosidade dos indígenas, atitudes como dos charruas e mbayás de enterrar os mortos com seus pertencem eram vistas como medo da morte – afinal, para ele, essas pessoas estariam se livrando de tudo que lembrasse ela. O demarcador



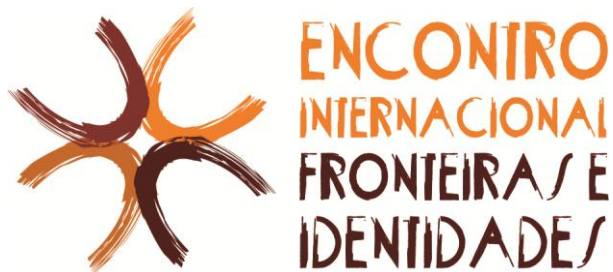
encontra uma exceção à parte com o modo de lidar com o morto dos guanás: estes enterravam na porta de suas cabanas o corpo da pessoa falecida, para tê-la presente em sua memória.

O militar não foi muito além para descrever como eram feitas as práticas de cura das nações de índios, limitando-se a repetir que todas tinham seus curandeiros ou médicos e que o tratamento para quaisquer que fossem as enfermidades se dava com a prática de chupar com força a barriga do paciente. Tendo certamente uma atitude semelhante a dos primitivistas, Azara se perguntou se tal maneira de curar não seria uma reprodução do jeito que a medicina era exercida em seus primórdios, quando se acreditava que as causas dos males seriam gases ou espíritos que se introduziam nos corpos dos indivíduos.

Táticas de resistência das nações como não eram para deixar de ser, foram também registradas e explanadas pelo demarcador. Os charruas, assim como os demais, teriam cavalos com velocidade superior à dos espanhóis e mais bem treinados. Quando se preparavam para atacar, mandavam espias para conhecer o terreno inimigo: se um desses espias fosse avistado, ele corria em uma direção totalmente oposta à de seu grupo. Assim que se sentem prontos para o ataque, o fazem de maneira rápida, golpeando a boca ao mesmo tempo em que gritam, matando todos que encontrassem, deixando vivas somente mulheres e crianças.

O medo em Azara quanto aos ataques de tribos é perceptível em seus textos, não somente quando escreveu que os charruas mataram muitos de seus subordinados. Por exemplo, quando tratou de citar os índios pampas, ele notou que mesmo com a paz dessa tribo selada com os espanhóis não seria garantia que não o atacassem. O ilustrado recorreu seu território com uma grande escolta, ele percebera a desconfiança que caíra sobre seu grupo. Os pampas faziam uso de uma arma particular – a boleadeira - utilizada tanto na caça quanto em combate e que Azara teve a atenção de descrever:

Estas bolas son de dos clases: la primera se compone de tres piedras redondas del grueso del puño, aforradas en un cuero de vaca o de caballo, y atadas a un centro común con cuerdas de cuero de una pulgada de grueso, y de largo de tres pies. Ellos toman en la mano la más pequeña de las tres bolas, y haciendo dar vueltas a las otras con velocidad por encima de la cabeza, lanzan las tres que alcanzan hasta cien pasos; estas bolas se enredan y cruzan de tal modo las piernas, pescuezo o cuerpo de un animal o de un hombre, que es imposible escapar. La otra clase de bola se reduce a una sola piedra, que ellos llaman bola perdida. (...) Los pampas sobresalen en el uso de esas dos especies de bolas. (...) Al tiempo de la conquista, con esta arma ellos mataron en una batalla a D. Diego de Mendoza, hermano del fundador de Buenos Aires (...) (AZARA, 1850, p. 188).



O modo de guerrear com o inimigo dos mbyáys era considerado por Azara como corajoso e excêntrico. Partindo com seus cavalos e grandes lanças para a peleia, ao visualizarem seus oponentes, paravam com certa distância deles. Nesse momento algo chamou a atenção do ilustrado: três ou quatro homens mbyáys desmontavam dos seus cavalos e, chegando muito próximos da tropa inimiga, começavam a mostrar e agitar peles de jaguetê para espantar os cavalos dos opositores. Se a técnica desse certo, eles atacavam de maneira rápida.

Boa parte das armas de nações indígenas servia - como foi exemplificado no caso da boleadeira - também para a caça, outra prática sobre a qual Azara discorreu. Usos de arcos e flechas de tamanhos diferentes, lanças utilizadas tanto em terra quanto na água, enfim, os exemplos são dos mais variados. Os meninos índios usavam por diversão para a caça de pássaros um arco diferente e de menor proporção que o demarcador não soube nomear, mas certamente seria o que conhecemos como estilingue ou bodoque: “Si los muchachos de Europa aprendiesen este ejercicio, no habría tantos gorriones” (AZARA, 1850, p. 196).

Uma das nações com que possivelmente Félix de Azara teve mais contato foi a dos payaguás. No tempo em que passou em Assunção e nos seus arredores, a interação com esse grupo e o ilustrado se deu de modo considerável. Tendo em mente a ideia de que os ameríndios viviam mais que os europeus, Azara anotou o fato de ter conversado com um dos caciques desse grupo étnico certa vez, e que este teria dito-lhe que tinha 120 anos.

As celebrações e ritos dos payaguás foram objeto central na descrição dessa nação no livro do espanhol. O militar citou ter presenciado por alguns anos a celebração sangrenta que ocorria no mês de junho em Assunção, e que também seria realizada por outras nações como os guanás e mbyáys. Tal celebração consistia em embriaguez por parte dos homens e em seguida começaria a flagelação dos corpos, com introdução de objetos pontiagudos em diversas partes do corpo. Essa manifestação causava espanto nos que assistiam, entre eles o próprio Azara, que anotou se assegurar nunca ter visto algum dos participantes queixar-se dos ferimentos e, logo, da dor, que tal prática ocasionava: “En una palabra, podría decirse que los actores eran unas máquinas” (AZARA, 1850, p. 221).

Quando uma tempestade ameaçava se aproximar de suas cabanas, os payaguás agarravam algumas tochas de madeira acesas com fogo e corriam contra o vento ameaçando-o; já outros davam bofetões no ar para a mesma finalidade.



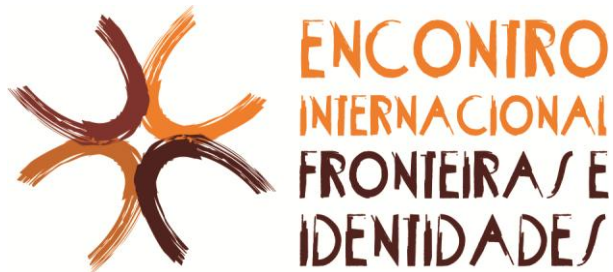
Se mudarmos o foco das celebrações (que são tão numerosas e variadas que seria impossível descrevê-las todas) para a prática da alimentação, teremos também descrições importantes. Azara se viu curioso por observar que a maioria dos indígenas não ingeria líquido enquanto comiam, só depois das refeições. Foi uma maneira estranha para ele essa atitude, de forma que se percebe ele afirmando esse dado ao longo de seus textos como se aquilo o inquietasse. Anotou que os payaguás quando bebiam o dia inteiro sem comer coisa alguma, riam-se dos espanhóis, afirmando que beber e comer ao mesmo tempo faria com que não sobrasse muito espaço para a aguardente.

Dependendo da maneira como vivia uma nação, o tipo de alimentação variava. Alguns tinham uma dieta rica em proteína da carne de boi ou peixe, outros se alimentavam de vegetais, claramente por serem agricultores. O militar percebeu que em boa parte dos grupos étnicos quando uma mulher estava em período menstrual, ela teria de evitar comer determinados alimentos. Com um cardápio diferente com o do qual estava o demarcador acostumado, ele descreveu alguns preparos e receitas como a dos guanás, que queimavam algumas ervas e com as cinzas que restavam faziam pequenas bolas que misturavam com seus alimentos, como se faz com o sal: ao se alimentar delas, algum desavisado poderia ter a impressão de que eles estavam condimentando sua comida com areia.

Toda a preparação da erva mate para o consumo se encontra no *Viajes* de Azara. O uso não se limitava aos indígenas, mas a maioria da população sul-americana utilizava. Era um consumo ordinário, realizado a qualquer momento do dia, como notou o demarcador.

Interessante são as anotações do militar sobre a gente campesina da época. Observou, viajando pelos campos, que as casas dos agricultores não estavam tão distantes umas das outras como era o caso das estâncias pecuaristas. Essas casas (e as dos pastores) eram feitas em geral com paredes de barro e cobertas na parte superior com palha, tendo um tamanho médio. Não havia portas nem janelas, muito menos móveis, e um pedaço de couro era colocado na entrada à noite para a proteção contra insetos ou frio. Toda a família dormia em uma mesma peça da casa. São habitações com certa similaridade com as que podem ser vistas ainda hoje, embora raras, em algumas partes da zona rural da América do Sul.

Esses pastores no máximo tinham dentro de suas moradias um barril de água, uma guampa para bebê-la, um local para assar a carne que poderia ser o mesmo para esquentar a água para tomar um mate. Geralmente se deitavam por cima de couro e se sentavam para



comer em cima de crânios de vaca. Burlavam-se, citou Azara, dos europeus que comiam vegetais como faziam os cavalos. A paisagem ao redor dessas casas não deveria ser nada agradável segundo o espanhol: ossos e cadáveres de bois por toda a parte apodrecendo e atraindo pássaros e outros animais.

Azara descreveu toda a operação do que ele denominou como *rodeo*, em que alguns campesinos montados em seus cavalos acompanhados de cães ovelheiros recolhem todo o gado em um local marcado e aberto e, após um determinado período, deixam que o gado volte para pastar nos campos livremente. O objetivo seria impedir que os animais se afastassem ou se perdessem da propriedade a qual pertenciam. No resto de seu tempo, escreveu o militar, eles se ocupavam de capar ou domar e ficavam com boa parte do dia dedicada ao ócio.

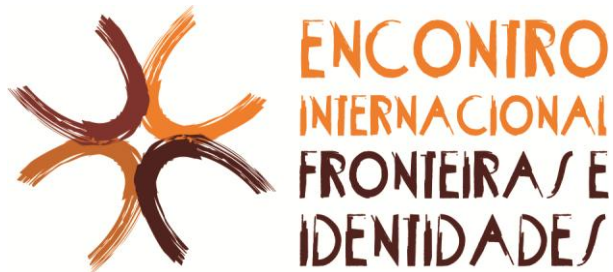
Cada cría de ganado tiene un capataz y un peón por cada mil cabezas. El primero es ordinariamente casado, más los otros solteros, a no ser negros, gente de color o indios cristianos desertados de las Misiones; porque todos estos son comúnmente casados, cuyas mujeres o hijas sirven a la vez para consolar a los solteros. Se pone tan poca atención sobre este punto que no creo que alguna de estas mujeres conserve su virginidad hasta la edad de ocho años (AZARA, 1850, 278).

Como notou Urquijo (1987), Azara apresentou a figura do homem rio-platense como apaixonado por cavalos e carreiras. O demarcador citou que os campesinos faziam praticamente todas as tarefas cotidianas montados em cavalos: desde pescar, tirar água de poços, preparar barro para a construção de suas casas e até mesmo conversavam em reuniões e tomavam bebidas com seus companheiros muitas vezes sem desmontar do animal.

Quando um recém-nascido tem oito dias, observou o militar, o pai ou irmão da criança o pega e passeia a cavalo pelo campo, até que o pequeno chore. Tais passeios se repetiriam até o momento em que a criança estivesse em condições de montar sozinha cavalos pequenos e mansos: “Algunas veces me he visto solicitado a bautizar algunos muchachos, que se me mostraban a caballo galopando por el campo” (AZARA, 1850, p. 279).

O esporte popular na época e que Azara se referiu era o jogo do pato (*correr el pato*). Embora houvesse variações do que seria esse jogo, ele consistia em basicamente colocar um pato vivo dentro de uma bola de couro com alças e duas equipes de homens a cavalo faziam a disputa. Vencia a equipe que conseguia chegar com o pato a um determinado ponto. O jogo chegou a ser proibido várias vezes devido à violência, e mesmo assim era praticado.

Outros jogos como o de cartas e as reuniões em pulperias para beber e conversar consistiam em diversões para o homem do campo. Para passar o tempo, cada pulperia



dispunha muitas vezes de um violão, sendo que quem soubesse tocar o instrumento era sempre bem-vindo nessas casas. Os músicos, citou o militar, jamais tocavam canções alegres como as do Peru, mas sim as “canciones más monótonas y tristes del mundo; por lo que se les ha dado el nombre de tristes. El tono es lamentable, el asunto amores desgraciados o amantes que lloran sus penas en el desierto” (AZARA, 1850, p. 283).

Um costume que havia no campo era o de pedir para pessoas que passassem por perto de suas casas, algum remédio para um parente ou amigo que estivesse enfermo. Muito possivelmente, pelas incursões que fez na região, isso tenha marcado Azara, pois ele era geralmente uma dessas pessoas que passavam. O militar lembrou um episódio em que um senhor se queixou para ele por que um de seus homens subordinados não queria fazer-lhe o processo da sangria que iria acabar com sua dor de cabeça. O espanhol apenas aconselhou o velho para ficar em repouso e que se lavasse e cortasse suas unhas. O senhor seguiu os conselhos e curou-se. Tal episódio teria inspirado tanta confiança em Azara que o homem depois de seis meses o procurou para consultá-lo acerca da enfermidade que assolava seu filho.

A maioria dessas pessoas tinha o desejo de ser sepultadas no terreno ao lado das capelas. Porém, escreveu o demarcador, como boa parte dos campesinos estava longe da igreja, eles acabavam deixando que o cadáver do morto, coberto com algumas ramas e pedras, entrasse em decomposição no meio do campo. Outros ainda tinham o costume de “desossar” o cadáver e levavam os ossos para o cura. Contudo, se a distância até a capela fosse pequena, os parentes vestiam o morto, colocavam-no em cima de um cavalo amarrando os pés nos estribos e com pedaços de madeira atavam para que o corpo não caísse. Quem visse de longe o defunto de sorte poderia crer que ele estivesse vivo.

Os casamentos quando eram realizados, ocorriam também na igreja mais próxima de suas habitações. Como a maioria das gentes do campo não possuíam mais que uma peça de roupa, eles pegavam emprestado com alguém mais abastado a vestimenta para casar, e após a cerimônia, devolviam-na para seu dono.

Sobre os habitantes de cidades como Buenos Aires e Assunção, temos poucos dados escritos por Azara. Sabemos, como já foi citado, que o ambiente segundo o militar proporcionava fazia com que os homens tivessem maior tendência a serem ociosos.





Enfim, temos toda uma sociedade de um determinado espaço geográfico e de um período histórico relatada pelas anotações de um ilustrado espanhol pertencente ao antigo regime. São descrições viciadas pelos seus conceitos de mundo, certamente, mas que nem por isso podem ser desmerecidas. Afinal, com essas descrições, podemos conhecer não só a história daquelas pessoas naquele tempo, mas também conhecer o próprio observador. Conhecer o outro e conhecer-se são uma única e mesma coisa, citou Todorov. Quem sabe o próprio Félix de Azara, após sua extensa jornada, não tenha tido uma melhor ideia do mundo ao seu redor e de si mesmo ao retornar para sua terra natal.

### **Referências Bibliográficas**

AZARA, Félix de. **Viajes por la América del Sur**. Montevideo, 1850. Fonte: [http://books.google.com.br/books/about/Viajes\\_por\\_la\\_America\\_del\\_Sur\\_de\\_Don\\_Fel.html?id=Va00AA AIAAJ&redir\\_esc=y](http://books.google.com.br/books/about/Viajes_por_la_America_del_Sur_de_Don_Fel.html?id=Va00AA AIAAJ&redir_esc=y), acessado no dia 02/09/2012.

BOURGUET, Marie-Noële. O explorador. In: VOVELLE, Michel (org.) **O Homem do Iluminismo**. Editora Presença, Lisboa, 1997. Capítulo VII, pp. 209-249.

CAMARGO, Fernando da Silva. **A pendenga interminável: as demarcações do tratado de Santo Idefonso**. Anais da XXIII Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica Curitiba, 2004.

CAMARGO, Fernando da Silva. **O Malón de 1801: A guerra das laranjas e suas implicações na América Meridional**. Passo Fundo: Editora Clio, 2001.

CAMARGO, Fernando da Silva. **O reformismo Bourbônico no Prata: 1776/1801**. Caderno de Resumos da XXIV Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica. Curitiba, 2004.

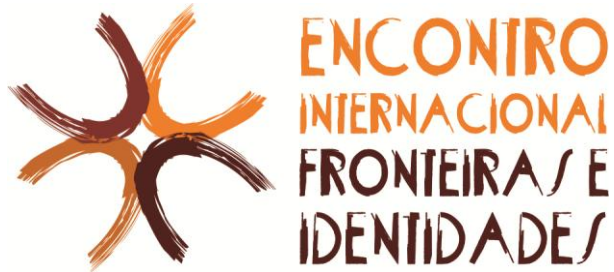
CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Editora Vozes. Petrópolis, 1998.

CONTRERAS ROQUÉ, Julio Rafael. **Félix de Azara: Su vida y su época. Tomo Primero: La forja de un ilustrado altoaragonés (1742-1781)**. Zaragoza: Diputación de Huesca, 2010.

GALERA, Andrés; FRÍAS, Marcelo. **Félix de Azara y George Lucien Leclerc: dos formas de iluminar la naturaleza americana**. Madrid: Asclepio \. XLVIII-1-1996. p. 27-36.

MARTÍNEZ RICA, Juan. P. **Las raíces de las ideas biológicas de Félix de Azara**. Revista de la Real Academia de Ciencias, Zaragoza, 2008, v. 63, p. 101-164.

MARTÍNEZ SHAW, Carlos. **El siglo de las Luces: las bases intelectuales del reformismo**. História de España. Madri, 1996. N° 19.



SIRTORI, Bruna. **Nos limites do relato: indígenas e demarcadores na fronteira sul da América ibérica no século XVIII.** Fundação Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro.** 4º edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

TODOROV, Tzvetan. **O espírito das Luzes.** São Paulo: Editora Barcarolla, 2008.

TODOROV, Tzvetan. **Nosotros y los otros.** Madrid: Biblioteca Nueva, 2013.

VOVELLE, Michel (dir.). **O homem do Iluminismo.** Portugal: Presença, 1997.